

leizi



RETRATOS DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Análises de uma pesquisa nacional

Organizadores: Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco

Gustavo Venturi, Paul Singer, Antonio Lassance, Marília Pontes Sposito,
Nadya Araujo Guimarães, Ana Karina Brenner, Juarez Dayrell,
Paulo Carrano, Gabriela Calazans, Maria José Carneiro, Regina Novaes,
Gevanilda Santos, Maria José P. Santos, Rosângela Borges,
Beatriz Carlinni-Marlat, Paulo Krischke, Vilma Bokany



INSTITUTO



Sumário

9

Apresentação

Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco

23

Introdução metodológica

Gustavo Venturi

27

A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social

Paul Singer

37

Condição juvenil no Brasil contemporâneo

Helena Wendel Abramo

73

Brasil: jovens de norte a sul

Antonio Lassance

87

Algumas reflexões e muitas indagações sobre as
relações entre juventude e escola no Brasil

Marília Pontes Sposito

129

Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas

Pedro Paulo Martoni Branco

149

Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?

Nadya Araujo Guimarães

175

Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros

Ana Karina Brenner, Juarez Dayrell e Paulo Carrano

215

Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva:
elementos para a reflexão

Gabriela Calazans

243

Juventude rural: projetos e valores

Maria José Carneiro

263

Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?

Regina Novaes

291

A juventude negra

Gevanilda Santos, Maria José P. Santos e Rosangela Borges

303

Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem

Beatriz Carlinni-Marlat

323

Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática

Paulo J. Krischke

351

Maiorias adaptadas, minorias progressistas

Gustavo Venturi e Vilma Bokany

447

Índice dos quadros

Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão

Gabriela Calazans

Psicóloga e especialista em saúde coletiva e mestre em psicologia social. Coordenou no período de 2001 a 2003 a Área de Saúde do Adolescente e do Jovem na Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. Atualmente trabalha no Centro de Referência e Treinamento em DST/AIDS da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo.

Introdução

Seria difícil realizar uma pesquisa sobre o universo e o comportamento dos jovens sem abordar o tema da sexualidade. No Brasil, temos a expectativa de que a sexualidade apareça na adolescência e há ampla aceitação social de que adolescentes e jovens sejam sexuados. Um desafio presente na abordagem da temática da sexualidade é resgatar a compreensão da experiência sexual de uma visão essencialista do sexo, que o compreende como “natural” e a-histórico. Este desafio torna-se maior na abordagem da sexualidade dos jovens, dado que, para o discurso de muitos sexólogos e educadores sexuais, tanto a sexualidade como a adolescência estariam calcadas na natureza dos processos de amadurecimento hormonal associados ao desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários. Como discutido por Paiva (1996), o “poder dos hormônios” tem

justificado a urgência e a relevância da ação educativa de profissionais de saúde que trabalham com adolescentes e jovens em todo o país.

No Brasil das últimas décadas, podemos observar mudanças importantes na cultura sexual e de gênero, bem como na escala de valores em relação à sexualidade. A produção de conhecimento sobre o tema tem incorporado novos marcos teóricos provenientes de campos disciplinares como a sociologia, a antropologia e a psicologia social, tornando as abordagens sobre o tema mais complexas, históricas e culturalmente contextualizadas.

Diversas iniciativas influíram para colocar o tema da sexualidade na pauta da sociedade por meio de repertórios discursivos que, muito além do discurso moral e religioso, têm como eixo os direitos: os movimentos sociais, em especial o movimento feminista e o movimento *gay*, a mídia, as organizações não-governamentais, bem como fundações e agências de cooperação internacional. Todo este processo não somente influenciou para uma maior tolerância social com a sexualidade dos jovens, como também impactou a vida sexual dos próprios jovens (ARILHA e CALAZANS, 1998).

No entanto, como afirma Paiva (1996), as estatísticas produzidas pela saúde pública sobre a gravidez na adolescência e a AIDS reelaboraram a sexualidade de adolescentes e jovens como um problema social, realimentando o controle sobre a sexualidade juvenil à luz das conseqüências negativas de suas práticas sexuais.

Em uma análise de discursos acadêmicos brasileiros da década de 1990 sobre o tema da gravidez na adolescência (CALAZANS, 2000), identificamos as seguintes interpretações caracterizando a sexualidade dos adolescentes:

- irresponsável, descontrolada, impulsiva, instável, experimental, como adjetivada pelos significantes da adolescência, interpretada como fase transitória;
- interdita, pois, como feminina, é também imatura, infantil e despreparada;
- impactada pelos "novos valores" das décadas de 1960 e 1970, nesse sentido interpretada como não submetida ao controle adulto;
- e, ainda, encontramos a interpretação da potenciação da sexualidade juvenil, nos contextos sociais de pobreza, aos quais se atribui lassidão moral.

Tal atribuição de sentidos à sexualidade juvenil por parte dos discursos analisados revela os sentidos de desvio e de anormalidade com que é compreendido o comportamento sexual dos jovens diante da mobilização dos significados identificados acima (irresponsabilidade, descontrole, imaturida-

de, despreparo etc.). Entendemos que esses significados são construídos relativamente à significação imputada à sexualidade adulta, concebida como responsável, controlada (no sentido do autocontrole), madura, capacitada etc. Dessa forma, a noção de desvio implicada na sexualidade adolescente, tal como se apresenta nos artigos analisados, é disposta em contraposição às noções de normalidade e normatividade reclamadas pela sexualidade adulta. A consideração da sexualidade juvenil como conduta de risco corrobora sua interpretação sob a ótica dos comportamentos desviantes (CALAZANS, 2000).

A presente pesquisa tem como fim subsidiar o entendimento da vivência da condição juvenil no Brasil de hoje, suas questões, dificuldades e potencialidades, posturas e posicionamentos, a partir do relato da opinião dos jovens, da investigação de seus interesses, de suas preocupações e da percepção que têm de si mesmos e da sociedade em que estão inseridos. Trata-se de tentar enxergá-los em sua singularidade histórica e geracional, e não em comparação a um modelo preestabelecido em outros contextos. Dessa forma, podemos não só avançar no conhecimento de sua condição, como também, ao ouvi-los, focar a realidade a partir de seu olhar e enriquecer nossa compreensão sobre o momento que a sociedade brasileira atravessa.

O que apresentamos aqui é uma análise introdutória dos dados referentes ao comportamento sexual, à prevenção da AIDS e ao comportamento reprodutivo dos jovens brasileiros. Tomaremos como pano de fundo para a abordagem da discussão sobre a sexualidade as escalas de valores, de interesses, de preocupações e de vivência de satisfação referidas pelos jovens de 15 a 24 anos entrevistados.

Não obstante a riqueza de dados a serem analisados proporcionados pela pesquisa, neste artigo, estudaremos o universo pesquisado à luz dos diferenciais de sexo, idade, escolaridade e renda familiar mensal na tentativa de compreender a diversidade das experiências da sexualidade experimentadas pelos jovens. Buscaremos, sempre que possível, contextualizar as práticas sexuais e reprodutivas a partir de suas determinações sociais e dos horizontes éticos e normativos que as orientam.

Seria possível estabelecer os mais diversos cruzamentos e articulações nesta análise. Pretendemos continuar trabalhando com esses dados, mas cabe destacar que lidamos, nesse momento, com descrições dos achados da pesquisa que indicam relações entre si, mas não nos propomos a estabelecer associações estatisticamente significantes.

Apontaremos alguns elementos para a reflexão que procurem ajudar a compreender a sexualidade dos jovens como diversa, contextualizada e complexa, longe, portanto, de uma experiência dada e natural.

Pano de fundo: interesses, preocupações e valores dos jovens

Os interesses e as preocupações dos jovens voltam-se predominantemente às temáticas do emprego e do mercado de trabalho, educação, segurança, violência e cultura, como podemos perceber no Anexo, quadro 21. Esta escala de interesses e preocupações reflete o contexto em que se dá a experiência da sexualidade juvenil.

Como indica o diagnóstico sobre a juventude brasileira apresentado no documento de conclusão do Projeto Juventude, do qual esta pesquisa é parte integrante, os jovens estão entre as principais vítimas da forma de desenvolvimento econômico e social adotado pelo Brasil nas últimas décadas: representam 47% do total de desempregados do país, 50% deste contingente populacional estava fora da escola em 2001 e somente 42% da população de 15 a 24 anos chegou ao ensino médio, considerado atualmente nível básico de escolarização. Além disso, a taxa de homicídios na população jovem é de 54,5 para cada 100 mil, ante 21,7 para a população geral (PROJETO JUVENTUDE, 2004). Nesse sentido, pesquisas, ações e políticas públicas que pretendam compreender e interferir na sexualidade dos jovens brasileiros têm como desafio buscar entender as conseqüências desse contexto na experiência da sexualidade, bem como considerá-lo em seu delineamento, sua execução e sua avaliação.

A categoria "sexualidade" ocupa lugar de pouca importância entre os assuntos que mais interessam aos jovens (3% quando a resposta era única e 7% quando a resposta era múltipla, tendo sido computados os três primeiros lugares – Anexo, quadro 21). Estão incluídas nesta categoria respostas como sexo/sexualidade, gravidez, orientação sexual e métodos anticoncepcionais, bem como outras respostas não agrupadas.

Os temas da sexualidade e da gravidez também não se configuram como preocupações dos jovens e obtiveram menos de 1% das respostas em relação ao primeiro lugar das preocupações juvenis. Na listagem dos três principais problemas que preocupam os jovens, a "sexualidade" foi referida por 2%

dos jovens, enquanto a “gravidez” foi referida por somente 1% dos jovens (ver Anexo, quadro 20).

Nota-se, no entanto, o interesse na categoria “relacionamentos amorosos”, na qual estão inclusas respostas como: namoro, relacionamento afetivo (amoroso), mulheres, namorado/a, rapazes e homens, assim como outras respostas não agrupadas. Esta categoria constitui-se em assunto de interesse de 31% dos jovens do sexo masculino e 14% das moças, sendo nítida a tendência de maior interesse entre os mais jovens (27% entre os jovens de 15 a 17 anos), decaindo sua importância entre os mais velhos (14% das referências dos jovens entre 21 e 24 anos). A resposta “mulheres”, por exemplo, atraiu o interesse de 15% dos rapazes, mantendo-se neste patamar nos três grupos etários (15 a 17 anos, 18 a 20 anos e 20 a 24 anos), enquanto a resposta rapazes/homens atraiu o interesse de somente 1% das mulheres jovens.

O maior interesse nos relacionamentos amorosos relativamente ao interesse na temática da sexualidade pode estar associado ao que Costa (1997) apontou, em pesquisa com jovens universitários, como dissociação entre satisfação amorosa e satisfação sexual. Se hoje a satisfação sexual seria entendida como um direito universal, a satisfação amorosa seria vivida como intangível, dada a contradição experimentada entre a liberdade sexual e a realização emocional nas relações afetivas.

De qualquer forma, as diferenças nos interesses de rapazes e moças indicam uma contradição com o estereótipo social de que seriam as mulheres adolescentes e jovens, e não os homens, que mais se interessariam, na vida e nesta fase em particular, pela temática dos relacionamentos amorosos e do sexo oposto. Essa construção social é reforçada, por exemplo, pela mídia jovem, que dispõe de produtos tais como cadernos e seções em jornais, revistas e programas de televisão, especialmente dedicados à temática da sexualidade e prioritariamente dirigidos às jovens do sexo feminino, como é o caso das revistas *Capricho*, *Carícia* e *Atrevida*, ou da seção 2Neurônio do *Folhateen*¹.

Uma hipótese que precisaria ser melhor investigada em relação ao maior interesse masculino na temática dos relacionamentos amorosos é:

¹ Pode-se ler mais sobre o papel da mídia feminina jovem em relação à sexualidade em: Simonetti (1991), Buitoni (1991), Lopes (1991), Fischer (1994) e Santos (1991), citados em CALAZANS (1999).

estão os rapazes vivendo uma mudança no campo de seus repertórios valorativos? Num artigo anterior sobre as mudanças experimentadas pelos jovens em sua cultura sexual e suas implicações para as políticas públicas de saúde e educação (ARILHA e CALAZANS, 1998), afirmamos que teria ocorrido uma importante transformação nos valores e repertórios sexuais das garotas nos últimos tempos, em que elas estariam experimentando maior flexibilidade diante da virgindade e de envoltimentos eróticos e sexuais de curta duração (“ficar”), sem necessariamente sentirem-se desvalorizadas ou o serem em seus grupos sociais. Naquele momento, em consonância com outros autores, afirmávamos que as práticas sexuais dos rapazes viviam menos mudanças, estando historicamente associadas a maior liberdade. Precisariamos compreender melhor se os rapazes, ao expressarem seu interesse nos relacionamentos amorosos, reivindicam a oportunidade de manifestarem-se afetivamente, contrapondo-se ao imperativo machista que os obriga ao interesse constante na atividade sexual (BARKER e LOEWENSTEIN, 1996).

Cabe ainda refletir se a ênfase dada à temática da sexualidade na mídia, na academia e nos programas governamentais e não-governamentais, no que se refere aos jovens, não seria, em vez de uma preocupação legítima dos jovens e das jovens, uma preocupação adulta em relação a este grupo populacional, ou seja, um reflexo do controle social adulto à sexualidade dos adolescentes atuando por meio dos discursos técnicos, acadêmicos e jornalísticos (PAIVA, 1996; CALAZANS, 1999; CALAZANS, 2000).

Entre os temas que mais atraíram o interesse juvenil, é relevante notar que alguns deles tendem a interessar mais as mulheres que os homens, como “educação” (42% das moças ante 34% dos rapazes), “família” (19% das moças ante 14% dos rapazes) e nesta categoria, particularmente, os “filhos e o cuidado com eles” (6% das moças ante 2% dos rapazes), e “saúde” (18% das moças ante 8% dos rapazes). Por outro lado, as categorias que atraem mais os jovens do sexo masculino são: “emprego/profissional” (43% dos jovens ante 32% das jovens), “esportes/atividades físicas” (36% dos jovens ante 5% das jovens).

Esta diferença na escala de interesses em função do sexo dos entrevistados reflete a cultura de gênero predominante no país, em que às mulheres é reservado o mundo privado e familiar e, aos homens, a vida pública (VILLELA

e BARBOSA, 1996). A educação configura-se como campo de maior permeabilidade às jovens mulheres, tanto em função de sua menor responsabilização pelo sustento da casa, como por seu comportamento estar mais adequado às exigências da escola (MADEIRA, 1997).

Tendo em vista os cinco valores considerados mais importantes pelos jovens numa sociedade ideal, identificados a partir de uma listagem de 18 valores, acrescidos ainda por um campo aberto, constatamos que “prazer sexual” não se configura como um valor identificado como prioritário por esta geração (ver Anexo, quadro 34), a despeito do fortalecimento nas últimas décadas dos discursos sociais sobre a sexualidade e os direitos sexuais (ARILHA e CALAZANS, 1998). É interessante notar que o impacto dos “novos valores”, que teriam sido herdados pelos jovens de hoje das gerações de jovens dos anos 1960, sobre a sexualidade apresenta-se mais como um recurso argumentativo adulto do que é percebido pelos jovens entrevistados nas suas escalas de valores.

O “prazer sexual” esteve em penúltimo lugar (8%) das referências, na sistematização das respostas dos jovens ao listarem os cinco valores mais importantes em uma sociedade ideal. É interessante notar que, numa sociedade altamente marcada pelo individualismo, destacam-se entre os valores mais importantes aqueles referentes à vida em comum: a solidariedade (55%), o respeito às diferenças (50%), a igualdade de oportunidades (46%) e a justiça social (41%). Em detrimento de valores referentes à vida individual: autenticidade pessoal (6%), prazer sexual (8%), auto-realização (10%) e conforto material (15%). Cabe ainda notar o valor atribuído ao temor a Deus como um dos cinco mais importantes valores (44%), embora aqui não caiba a interpretação de que seja um valor de vida em comum (ver Anexo, quadro 34).

De forma geral, a sexualidade foi identificada pelos jovens entrevistados como um tema da vida íntima, que deve, preferencialmente, ser discutido entre amigos (45%), com os pais (31%) e, menos prioritariamente, pela sociedade (15%) (ver Anexo, quadros 23 a 25).

Considerando os diferenciais, nestes interesses, de acordo com o sexo e a idade dos entrevistados, identificamos que mais comumente as moças demonstram interesse na discussão do tema da sexualidade com seus pais (35%) do que os rapazes (27%). Seria preciso investigar melhor de que forma o interesse na discussão do tema está associado ao controle social e parental da

sexualidade feminina, quais estratégias de resistência a este controle têm sido utilizadas pelas jovens mulheres e quais suas conseqüências em suas vidas e em suas trajetórias afetivo-sexuais.

Complementarmente a esse dado, vale considerar como implicação para as políticas públicas a seguinte informação proveniente da “Pesquisa Gravada – Juventude e Saúde” –, um estudo multicêntrico que buscou traçar um panorama da ocorrência do fenômeno da gravidez na adolescência e de seus resultados em três capitais brasileiras: as mulheres cujas mães conversaram com elas antes da menarca, bem como as que incluíram suas mães e seus pais entre as fontes das primeiras informações sobre gravidez e meios de evitar filhos, engravidaram menos na adolescência (AQUINO *et al.*, 2003).

Chama a atenção, ainda, que o interesse em ver o tema da sexualidade discutido pela sociedade em geral cresça com a idade, por parte dos rapazes. Também aqui precisaríamos compreender melhor o interesse dos rapazes no debate público sobre a sexualidade e de que forma tal interesse está ou não associado à importância da sexualidade na construção da subjetividade masculina, bem como às pressões vividas pelos jovens em relação ao seu desempenho sexual (PAIVA, 1994; BARKER e LOEWENSTEIN, 1996; VILLELA e BARBOSA, 1996; ARILHA e CALAZANS, 1998; ARILHA-SILVA, 1999).

Tendo em vista os diferenciais associados ao pertencimento de classe social, cruzando dados de escolaridade e renda familiar, podemos identificar o fortalecimento da concepção de que a sexualidade é um tema da esfera privada, condizente com os valores individualistas vigentes em nossa sociedade, especialmente nas camadas médias (AFONSO, 2001):

- a compreensão de que a sexualidade deveria ser mais discutida pelos jovens com seus pais cresce com a escolaridade (18% de referências de interesse pelos jovens com até a 4ª série do ensino fundamental e 33% de referências por parte dos jovens do ensino superior);
- o interesse pelo debate do tema da sexualidade com os amigos cresce com a escolaridade (42% de referências por parte dos jovens até o ensino fundamental ante 51% por parte dos jovens no ensino superior) e com a renda familiar (41% de referências de interesse por parte dos jovens com renda familiar de até dois salários mínimos ante 54% de referências dos jovens com renda familiar mensal de mais de cinco salários mínimos);

- o interesse no debate público sobre o tema da sexualidade diminuiu com a renda familiar (de 21% por parte dos jovens com renda familiar de até um salário mínimo para 10% por parte dos jovens com renda familiar de mais de dez salários mínimos mensais).

O espaço relacional privilegiado pelos jovens para a discussão sobre os relacionamentos amorosos é a relação entre amigos, tendo sido o primeiro tema mais citado pelos jovens entrevistados (51%) (ver Anexo, quadro 24). Este interesse é mais estável entre os rapazes das diferentes faixas etárias estudadas, decrescendo com a idade entre as moças (61% por parte das jovens de 15 a 17 anos contra 43% por parte das moças entre 20 e 24 anos). A discussão dos relacionamentos amorosos com os pais foi citada menos frequentemente (30%) (ver Anexo, quadro 23), diminuindo o interesse nesta experiência para os jovens com o passar da idade, especialmente entre os rapazes. Menor ainda é o interesse na discussão pública deste tema (7% das respostas).

O interesse no debate de assuntos relacionados com o corpo e a saúde não é muito frequente, mas também não é desprezado: ocupou o quarto lugar no interesse de debate com os pais (37%), o quinto no interesse de debate com os amigos (32%) e o sétimo no interesse de debate com a sociedade em geral (22%) (ver Anexo, quadros 23 a 25). O interesse das moças pelo debate sobre o tema do corpo e da saúde com os amigos tende a crescer com a idade (de 29% entre as moças de 15 a 17 anos para 38% entre as de 21 e 24 anos), enquanto os pais deixam de se tornar uma referência importante para este tema (de 41% para 36%).

Um contingente de 87% dos jovens entrevistados referiu estar satisfeito com sua sexualidade, sendo que parece haver tendência a maior satisfação com a própria sexualidade nos seguintes segmentos:

- entre os jovens do sexo masculino: 91% dos rapazes ante 84% das moças (ver Anexo, quadro 93);
- entre os jovens de 21 a 24 anos: 90% dos jovens de 21 a 24 anos, ante 81% dos jovens de 15 a 17 anos;
- entre os jovens com maior escolaridade: 91% entre os jovens que tinham ensino superior ante 85% dos que tinham educação fundamental;
- entre os jovens com maior renda familiar mensal: 92% dos jovens com renda familiar entre cinco e dez salários mínimos ante 85% dos que têm renda até dois salários mínimos.

Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão

As dimensões da vida em relação às quais os jovens referem estar mais satisfeitos são (ver Anexo, quadro 93):

- com sua família (96%);
- com sua saúde física (94%);
- com sua aparência física (93%).

As dimensões em relação às quais estão menos satisfeitos são:

- com as possibilidades de trabalho que têm hoje (49% estão insatisfeitos);
- com o bairro onde moram (21% referem insatisfação);
- em relação ao amor (20% estão insatisfeitos).

Representações de gênero

Na sua opinião, o que é melhor como jovem: ser homem ou mulher?

Mais freqüentemente os jovens entrevistados referiram preferir, como jovens, ser homens (58%) a ser mulheres (32%) (ver Anexo, quadro 92). Entre os rapazes, 90% acharam melhor ser homem, 7% acharam espontaneamente que tanto fazia e só 2% dos rapazes consideraram que seria melhor ser mulher. Aproximadamente um terço das moças (27%) considerou que seria melhor ser homem, enquanto 61% delas acharam que era melhor ser mulher; os 10% restantes avaliaram que tanto fazia ou dependia da situação (ver Anexo, quadro 92).

Em relação à escolaridade, a proporção de jovens que preferem ser homem mantém-se estável nos diversos níveis de escolaridade, enquanto há mais referências à preferência por ser mulher entre os jovens com menor escolaridade (36% entre os jovens que chegaram à 4ª série do ensino fundamental diante de 27% entre os jovens universitários) e mais referências a “tanto faz/depende” quanto mais alto o nível de escolaridade (11% entre os jovens universitários ante 4% dos jovens com escolaridade até a 4ª série).

Quanto maior a renda familiar mensal, maior a preferência por ser homem (variação de 55% entre os jovens com renda familiar de até um salário mínimo para 62% entre os que têm renda familiar de mais de dez salários mínimos) em detrimento de ser mulher (variação de 37% para 27%), mantendo-se estável a proporção dos jovens que acham que tanto faz (entre 7% e 9%).

Os aspectos mais valorizados em “ser homem” entre os jovens são:

- *liberdade* (34% de citações entre os jovens), especialmente em relação à circulação, aos horários, à sexualidade e ao namoro;
- *trabalho e vida profissional* (15% de citações entre os jovens), especialmente por terem mais oportunidades;
- *menor vivência de preconceito* (13% de citações entre os jovens) – as respostas aqui enquadradas tratam particularmente da maior liberdade moral dos rapazes comparativamente com o maior controle social experimentado pelas moças (“pode não dar satisfação”, “pode namorar sem ficar falando”, “a sociedade cobra menos e não recrimina condutas”, entre outras).

Os aspectos mais valorizados em “ser mulher” são:

- *personalidade* (10%) – foram valorizadas aqui características pessoais das mulheres consoantes com estereótipos femininos como serem menos impulsivas, mais delicadas, tranqüilas, sensíveis, intuitivas, corajosas etc.;
- fatores associados ao *trabalho e à vida profissional* (10%), em que são valorizados desde aspectos que favorecem a vida profissional das mulheres, como maior facilidade de arranjar emprego mesmo quando ganham menos, bem como aspectos que adiam a entrada das moças no mundo do trabalho, demora mais para trabalhar, não precisa ir para a roça, entre outros;
- *responsabilidade* (7%), agrupando respostas que valorizam tanto o comportamento mais responsável das mulheres, segundo estereótipos do que seja ser mulher: mais caseiras, menos envolvidas com bebidas e drogas e genericamente mais responsáveis, como a possibilidade de as mulheres manterem-se por mais tempo livres da responsabilidade do sustento da família.

Comportamento sexual

**Com quantos anos de idade você teve a sua primeira relação sexual?
Mais ou menos?**

A maioria dos jovens entrevistados (37%) teve sua primeira relação sexual entre 14 e 16 anos (12% aos 14 anos, 13% aos 15 anos e 12% aos 16 anos). Em torno de 10% dos entrevistados iniciaram sua vida sexual ativa antes dos 14 anos (1% antes dos 10 anos, 4% entre 11 e 12 anos e 5% aos 13

Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão

anos) e 19% o fizeram a partir dos 17 anos (9% aos 17 anos, 6% aos 18 anos, 3% entre 19 e 20 anos e 1% com 21 anos ou mais). Cabe salientar que, entre os jovens entrevistados (população entre 15 e 24 anos), 25% nunca haviam tido relações sexuais. Um dado relevante é 7% de recusa em responder esta questão (ver Anexo, quadro 96). A idade média para a primeira relação sexual foi de 15,5 anos entre os entrevistados.

Os jovens do sexo masculino costumam iniciar sua vida sexual ativa antes das jovens mulheres (idade média de ocorrência da primeira relação sexual de 14,1 anos para os meninos ante 16,2 anos para as meninas). Também foi mais comum a referência à virgindade entre as jovens (34%) do que entre os meninos (16%) (ver Anexo, quadro 96).

Foi possível observar a associação entre escolaridade e iniciação sexual, sendo que entre os jovens que cursaram até a 4ª série do ensino fundamental a idade média de iniciação foi de 14,8 anos, enquanto entre os jovens que chegaram ao ensino superior temos uma média de 16,4 anos. Chama a atenção ainda que entre os jovens que só cursaram até a 4ª série 2% deles referem iniciação sexual até os 10 anos de idade, diferença de um ponto percentual em relação aos demais jovens entrevistados. Não foram encontradas diferenças significativas por renda familiar.

Muitas pessoas preferem ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Você costuma ter relações sexuais:...? E se pudesse decidir livremente, você gostaria de ter relações sexuais:...?

Em relação à orientação sexual, foi perguntado aos jovens entrevistados: com quem você costuma ter relações sexuais e com quem você gostaria de tê-las, caso pudesse decidir livremente.

Os jovens do sexo masculino referem com maior frequência práticas sexuais homo (3%) e bissexual (1%), bem como parecem viver menor conflito entre o desejo e a sua realidade referida, dado que temos as mesmas frequências em ambas as perguntas. Já entre jovens do sexo feminino, particularmente as de 15 a 17 anos, quando perguntadas em relação à possibilidade de decidirem livremente seu desejo em relação às suas parcerias sexuais, encontramos maiores diferenças (ver Anexo, quadro 97):

- diminuição da frequência de referências à parceria heterossexual de 97% para 92%, da primeira para a segunda pergunta;

- crescimento na frequência de respostas em relação à parceria homossexual, de menos de 1% para 2%;
- referência ao desejo de não manter relações sexuais com ninguém, de nenhuma resposta para 2% das moças entre 15 e 17 anos.

É relevante considerar a hipótese de que este desinteresse em relação ao sexo oposto entre as adolescentes esteja associado à experiência de situações de violência sexual.

Aventamos esta hipótese, pois é possível identificar na pesquisa que:

- entre os jovens que referiram ter vivido alguma situação de humilhação, desrespeito ou discriminação (33% dos entrevistados) (ver Anexo, quadro 80), as maiores frequências desses eventos de desrespeito e discriminação ocorrem entre as mulheres;
- as situações de desrespeito vividas pelas mulheres jovens (36%) configuram-se em: constrangimentos (77%) e violência física (10%);
- 2% das moças de 15 a 17 anos referem ter passado por situações de constrangimento em função de discriminação pela opção sexual; não há referências desta situação entre os jovens rapazes de 15 a 17 anos;
- das situações de violência física vividas pelas mulheres jovens (10%), 4% configuram-se como violência sexista (assédio sexual ou estupro), 2% foram infringidas pelos pais ou responsáveis e 1% pelos companheiros (namorados, maridos ou ex-maridos) e, ainda, 9% das mulheres jovens referem ter sofrido algum tipo de violência de algum familiar ou de alguém com quem estava se relacionando (violência doméstica) (ver Anexo, quadro 81);
- das moças que já sofreram algum tipo de violência doméstica, 56% viveram-no em suas casas, 62% dos agressores eram seus familiares e 25% eram amigos, conhecidos ou parceiros amorosos;
- a adolescência (dos 12 aos 17 anos) é o momento da vida no qual as mulheres jovens mais referem ter vivido situações de violência doméstica (51%);
- parcela significativa dessas situações de violência doméstica contra as mulheres jovens tem motivações pessoais (25%), nas quais destacam-se os ciúmes (10%), as acusações mentirosas (3%), a traição (1%) e a

Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão

gravidez (1%), indicando relação com situações de controle da sexualidade feminina.

Parece importante considerar as conseqüências da vivência de situações de violência doméstica nas trajetórias afetivo-sexuais das jovens. Ao indicar estes dados não queremos afirmar que as mulheres são as únicas vítimas das situações de violência doméstica, queremos apenas precisar o padrão de violência vivido por elas, que em muito difere do padrão masculino, particularmente em relação ao controle da sexualidade.

Os homens jovens vivem menos freqüentemente situações de violência por parte da família ou de pessoas com quem se relacionam (6% dos rapazes ante 9% das moças), bem como situações de violência em suas casas (45% dos homens ante 56% das mulheres). As experiências de violência doméstica vividas pelos rapazes são mais freqüentes na infância, 21% dos rapazes viveram-nas entre os 2 e os 11 anos de idade, ante 13% das moças, e as motivações mais freqüentemente citadas são as desavenças com os pais. Destacam-se ainda entre os rapazes as situações de violência doméstica associadas às condições sociais e à discriminação (24% dos rapazes ante 11% das moças).

Como você considera o relacionamento com a pessoa com quem você teve sua última relação sexual. Você diria que é um relacionamento estável ou eventual?

Encontramos entre os entrevistados perfis bastante distintos de resposta de homens e de mulheres. Metade dos jovens do sexo masculino descreve suas relações como estáveis e a outra metade, como eventuais. Já entre as jovens mulheres encontramos 82% de referência a relações estáveis ante somente 18% de relações eventuais. Em ambos os sexos, foi possível identificar a tendência à estabilização dos relacionamentos com o aumento da idade, de 50% entre os jovens de 15 a 17 anos para 69% entre os de 21 a 24 anos.

Nos cruzamentos por escolaridade, é possível perceber que jovens com menor escolaridade tendem a referir menos relacionamentos eventuais (29%) do que jovens com escolaridade superior (39%).

Qual o vínculo que você tinha com essa pessoa, ou seja, o que ela é sua?

A descrição do tipo de vínculo mantido pelos jovens com as pessoas com as quais mantiveram sua última relação sexual foi (ver Anexo, quadro 109):

- 44% de referências a namorados;
- 28% de referências a maridos e esposas;
- 23% de referências a amigos e conhecidos;
- 3% de referências a desconhecidos;
- 1% de referências a amantes;
- não chega a 1% a referência a profissionais do sexo.

Aqui novamente os diferenciais por sexo e idade são marcantes. Se no total das jovens que já tiveram relações sexuais a última transa ocorreu em contextos de namoro (43%) ou casamento (47%), entre as mais jovens, de 15 a 17 anos, são mais frequentes os namoros (62%), enquanto entre as mais velhas, de 21 a 24 anos, são mais frequentes os casamentos (56%). Uma comparação entre as respostas de caracterização dos tipos de vínculo entre as moças nos leva a crer que uma parte delas não atribui caráter de estabilidade a seus namoros, dado que o total de respostas entre namoro e casamento é maior que o total de respostas referentes às relações estáveis.

Já entre os jovens homens, os tipos de vínculo mais frequentes são os namoros (45%) e a relação entre amigos ou conhecidos (34%). As tendências entre os rapazes, com o passar da idade, são: diminuição das relações entre amigos e conhecidos, de 49% entre os rapazes de 15 a 17 anos para 28% entre os de 21 a 24 anos, e crescimento das relações com cônjuges, de 1% dos rapazes de 15 a 17 anos para 22% dos rapazes de 21 a 24 anos. De qualquer forma, é muito inferior a frequência das últimas relações sexuais que ocorrem em relações conjugais entre os homens (13%) do que entre as mulheres (47%).

Os padrões de relacionamento também variam com a escolaridade:

- frequência de relações sexuais em relações de namoro cresce com a escolaridade (de 34% no ensino fundamental para 67% no ensino superior);
- a frequência de relações sexuais que ocorrem em contextos de casamento diminui com a escolaridade (de 43% em jovens que concluíram até a 4ª série para 6% de jovens com ensino superior);

- as relações sexuais entre desconhecidos também crescem com a escolaridade (de nenhuma referência entre os jovens que estudaram até a 4ª série a 7% entre os que chegam ao ensino superior).

Atualmente, qual é a sua situação conjugal?

Como era de esperar, a maioria dos jovens são solteiros (78%). Mas aqui novamente encontramos grandes diferenças entre os sexos (ver Anexo, quadro 13). Muito mais freqüentemente as moças mantêm relações conjugais (casamento no papel e morar com o companheiro) em todas as idades, sendo que nas faixas etárias posteriores a diferença entre os sexos diminui: a razão de sexo na faixa dos 15 aos 17 anos é de 9 moças em relações conjugais para cada rapaz na mesma situação; na faixa dos 18 aos 20 anos é de 5,4 moças para cada rapaz; e dos 21 aos 24 anos, de 1,7 moça para cada rapaz.

Também são relevantes os diferenciais por escolaridade e renda mensal familiar: os jovens com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental referem mais freqüentemente relações conjugais (43%) do que os jovens que chegaram ao ensino superior (10%), bem como os jovens com renda familiar de até um salário mínimo referem mais relações conjugais (30%) do que os jovens com renda familiar de mais de dez salários mínimos (5%).

Aproximadamente quanto tempo faz que você teve sua última relação sexual?

Uma parcela significativa dos jovens que já transaram teve suas últimas transas no intervalo de tempo da semana anterior à realização da entrevista (43% delas no intervalo de um a oito dias) (ver Anexo, quadro 101). Pode-se observar a maior freqüência de relações sexuais no intervalo da última semana entre as mulheres (52%) e entre os jovens de 21 a 24 anos (50%). Esta tendência provavelmente está relacionada às relações mais estáveis, mais freqüentes entre as mulheres e entre os jovens adultos, como já foi indicado anteriormente. As relações estáveis e conjugais favorecem a freqüência das relações sexuais, dado que é um pré-requisito para se ter uma relação sexual a disponibilidade de um parceiro. De forma que, diferindo do imaginário social que vincula a vida de solteiro a uma vida sexual mais ativa e freqüente, é mais comum que pessoas envolvidas em relações estáveis e casadas tenham relações sexuais mais freqüentemente.

Também diferindo do imaginário social de que jovens têm práticas sexuais muito freqüentes, identificamos que em torno de 27% do total dos entrevistados que já tiveram alguma relação sexual transaram pela última vez havia mais de um mês antes de serem entrevistados.

Você já levou namorado(a) para dormir com você na sua casa? Com ou sem permissão dos seus pais?

Um padrão de comportamento que tem gerado um certo alarde nas divulgações dos resultados desta e de outras pesquisas referentes às relações entre família e comportamento sexual dos jovens é levar o namorado ou a namorada para dormir na casa dos pais. Podemos dizer, no entanto, que este ainda é um comportamento circunscrito.

Do total dos jovens entrevistados, 18% já levaram os namorados para dormir na casa de seus pais, mais os homens que as mulheres (ver Anexo, quadro 98); 12% deles ainda moram com os pais e os 4% restantes já não moram com sua família de origem. A maioria (65%) dos jovens ainda mora com os pais, em diversos arranjos familiares (pai, mãe, padrasto, madrasta, com ou sem filhos etc.) (ver Anexo, quadro 14). Morar com os pais é mais freqüente, no entanto, entre os rapazes (79%), os jovens universitários (79%) e os jovens com renda familiar mensal de mais de dez salários mínimos (89%). Os jovens pertencentes a estes segmentos e que ainda moram com os pais também referem com maior freqüência o comportamento de levar namorados para dormir na casa dos pais: 18% dos rapazes, 25% dos jovens no ensino superior e 23% dos jovens com renda familiar maior do que cinco salários mínimos.

Do total dos jovens entrevistados que ainda moram com os pais, aproximadamente 13% deles referiram já ter levado o namorado ou namorada para dormir em sua casa, 9% com o consentimento dos pais.

Pode-se observar a associação com a idade dos jovens: quanto mais velhos, mais freqüente é a referência a levar o namorado para dormir na casa dos pais (9% dos jovens de 15 a 17 anos, 17% dos jovens de 18 a 20 anos e 31% dos jovens de 21 a 24 anos). Este comportamento é também mais freqüente entre os jovens do sexo masculino do que entre as mulheres (22% dos jovens homens ante 13% das jovens), como se pode ver na tabela a seguir. Esta associação é devida, provavelmente, ao maior controle social em

torno do comportamento sexual feminino, o que restringe a autonomia das mulheres jovens.

Distribuição dos entrevistados jovens que moram com os pais pelo comportamento de levar o namorado para dormir na casa de seus pais, segundo sexo e idade

	Homens				Mulheres				Total
	Total	de 15 a 17 anos	de 18 a 20 anos	de 21 a 24 anos	Total	de 15 a 17 anos	de 18 a 20 anos	de 21 a 24 anos	
LEVOU NAMORADO	22	11	21	37	13	7	11	23	18
Com consentimento dos pais	14	6	13	24	11	7	10	19	13
Sem consentimento dos pais	9	5	8	14	2	0	1	4	6
NUNCA LEVOU	76	88	78	60	86	91	89	75	80
NÃO RESPONDEU	2	1	1	3	1	1	0	1	1

Fonte: "Perfil da juventude brasileira".

Os dados referentes ao comportamento de levar o namorado ou namorada para dormir consigo na casa dos pais parecem indicar uma escala de autonomia dos jovens em relação ao comportamento sexual, maior entre os rapazes, os jovens adultos de 21 a 24 anos, os universitários e os jovens com maior renda familiar, em contraposição às mulheres, aos jovens de 15 a 17 anos, aos jovens com escolaridade até a 4ª série e aos jovens com renda familiar inferior a dois salários mínimos mensais. Nesse sentido, cabe investigar melhor se o impedimento do comportamento sexual dos jovens, especialmente das moças, configura-se como um fator importante na decisão de sair da casa dos pais e de que forma isso ocorre nas relações familiares dos jovens brasileiros.

Uso de preservativos e AIDS

Entre os jovens que já mantiveram relações sexuais (73% do total de jovens entrevistados na amostra B), 59% deles referiram ter usado preservati-

vo em sua última relação sexual (ver Anexo, quadro 102). Foi possível identificar maior referência ao uso de preservativo entre os jovens de 15 a 17 anos (71%) do que entre os jovens de 21 a 24 anos (53%) e entre os rapazes (71%) do que entre as moças (44%).

Preocupa a pequena referência ao uso de preservativos entre as moças, especialmente tendo em vista os últimos dados divulgados pela mídia, relativos à epidemia de HIV/AIDS, que indicam seu maior crescimento entre as jovens do sexo feminino: “Dos portadores do HIV que têm hoje entre 15 e 24 anos, 60% são mulheres, alerta um relatório da ONU [Organização das Nações Unidas]. Pior: nessa faixa etária, elas têm, em média, três vezes mais chance do que eles de ser contaminadas” (COELHO, 2004).

Comparativamente aos achados de outras pesquisas que investigam o uso de preservativos em faixas etárias mais amplas, identificamos que as jovens gerações estão usando mais o preservativo do que as demais gerações e estão, especialmente, iniciando sua vida sexual usando-o (MINISTÉRIO DA SAÚDE e Cebap, 2000; PAIVA e cols., 2003). Este parece ser um resultado positivo do esforço brasileiro no desenvolvimento de estratégias de prevenção da epidemia de HIV/AIDS. O desafio que tem sido apontado, no entanto, é o da sustentação do uso da camisinha, em especial em contextos de relações estáveis e tendo em vista as culturas sexuais e de gênero vigentes, nas quais as moças têm enormes dificuldades na negociação do uso de preservativos. (VILLELA E BARBOSA, 1996).

Esta baixa referência do uso de preservativos entre as jovens do sexo feminino está fortemente associada a condicionantes culturais de gênero que estabelecem como valor maior à conquista de relações afetivo-sexuais estáveis para as jovens mulheres, às quais são associados valores como a impossibilidade de desconfiança do parceiro, dificuldades na negociação do uso do preservativo e o desejo de ter filhos.

Observamos também maior referência de uso de preservativos entre os jovens com maior escolaridade (48% entre jovens do ensino fundamental, 67% entre os jovens do ensino médio e 74% entre os jovens de ensino superior).

É possível notar também maior referência de uso da camisinha nos jovens com maior renda familiar (56% de uso entre os jovens com renda familiar de até dois salários mínimos ante 71% de uso entre os jovens com renda familiar de mais de cinco salários mínimos).

Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão

Por quê? Por quais outros motivos você usou/não usou camisinha?

Ao buscarmos entender as motivações dos jovens para o uso ou não da camisinha, identificamos que a motivação para o uso está prioritariamente associada aos argumentos técnicos que o justificam: a prevenção de doenças (50% dos jovens sexualmente ativos justificam seu uso em função da prevenção de doenças – 28% para prevenção no geral, 15% ressaltando especificamente as doenças de transmissão sexual e 11% a AIDS) e a contracepção (46% dos jovens sexualmente ativos referem fazer uso do preservativo para evitar uma gravidez) (ver Anexo, quadro 103).

Ao identificarmos os motivos que justificam o não-uso do preservativo, nos deparamos com outra natureza de respostas, em geral mais associadas aos afetos e aos valores (ver Anexo, quadro 104): 21% referem não usar o preservativo em função da confiança no parceiro e da fidelidade e estabilidade na relação e 7% referem não usar por não gostar ou por seu parceiro não gostar.

Há ainda, no entanto, jovens que não identificam a necessidade de usar o preservativo: por usarem outros métodos contraceptivos (11% dos jovens sexualmente ativos) ou por não precisarem diante de uma situação de gravidez ou pelo desejo da mesma (3% afirmam não precisar usar). São praticamente inexistentes os jovens que referem não usar o preservativo por motivações religiosas (menos de 1%).

Chama a atenção que, apesar dos esforços brasileiros na prevenção da epidemia de AIDS, sejam tão poucos os jovens que justificam o uso do preservativo para a prevenção desta doença. Seria importante compreender melhor estes dados à luz da percepção dos jovens sobre o seu próprio risco de infecção: será que os jovens não percebem o risco de se infectar pelo HIV?

Ainda considerando as estratégias de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS, identificamos que, apesar dos esforços de associação do preservativo ao afeto e ao cuidado consigo e com o parceiro, os dados parecem indicar que as motivações para o uso são de natureza bastante racional, enquanto o não-uso do preservativo está mais associado à pressuposição de cuidado, confiança e fidelidade mútuos.

Pelo que você sabe ou ouviu falar, atualmente a AIDS: ...?

No Brasil, desde 1996, é feita gratuitamente no Sistema Único de Saúde (SUS) a distribuição do chamado “coquetel”, ou seja, dos medicamentos anti-

retrovirais que têm apresentado bons resultados no tratamento e no cuidado dos doentes de AIDS, significando uma alternativa importantíssima de controle e cronificação da doença, mas não a sua cura.

Gerou preocupação, no entanto, a forma como se deu a divulgação do referido coquetel de medicamentos, temendo-se o relaxamento das ações de prevenção diante da compreensão de que a partir daquele momento a AIDS teria cura. Sendo assim, investigaram-se nesta pesquisa as informações de que os jovens dispunham sobre a AIDS.

A maioria (66% dos entrevistados) dos jovens refere deter a informação mais correta, ou seja, de que a AIDS não é curável, mas que suas conseqüências podem ser controladas por meio de tratamento capaz de gerar maior sobrevivência. Chama a atenção, no entanto, que 33% dos entrevistados ainda tenham informações incorretas (sendo que 21% acreditam que, sendo uma doença fatal, não há meios para adiar a morte e 12% acreditam que seja uma doença curável) (ver Anexo, quadro 114).

Como era de esperar, jovens com maior escolaridade e renda familiar referem mais freqüentemente a informação correta sobre a AIDS (81% dos jovens com ensino superior ante 38% dos jovens com até a 4ª série e 82% dos jovens com renda familiar de mais de dez salários mínimos ante 53% dos jovens com renda familiar de até um salário mínimo). Não identificamos diferenças significativas em função da idade e do sexo dos entrevistados.

Comportamento reprodutivo

Você tem filhos?

Do total dos jovens entrevistados de 15 a 24 anos, 22% deles têm filhos. A diferença entre homens e mulheres é marcante (ver Anexo, quadro 10). Sem desvalorizar os esforços de pesquisadores e militantes que têm pautado a necessidade de considerar e dar suporte à paternidade entre adolescentes e jovens (FONSECA, 1997 e 1998), a gravidez e a parentalidade entre jovens são um fenômeno predominantemente feminino. Há também que se considerar que nas faixas etárias inferiores é ainda maior a proporção de jovens mães em relação aos jovens pais (na faixa etária de 15 a 17 anos, a razão entre mulher/homem foi de 8,2/1, na faixa de 18 a 20 anos foi de 4,4/1 e entre os 21 e os 24 anos foi de 1,99/1).

Seria importante avaliar melhor entre os jovens que experimentam a maternidade e a paternidade como se dá a sua experiência juvenil, dado que os dois fatores mais freqüentemente citados na opinião dos entrevistados desta pesquisa como momentos de término da juventude são a assunção de responsabilidades (32%), bem como a constituição de uma família, os filhos e o casamento (31%) (ver Anexo, quadro 26).

Quanto mais velhos, mais freqüentemente os jovens têm um ou mais filhos:

- de 4% dos jovens entre 15 e 17 anos para 41% dos jovens entre 21 e 24 anos;
- especialmente entre as jovens mulheres: de 7% das jovens entre 15 e 17 anos para 55% das jovens entre 21 e 24 anos;
- na sua maioria, os jovens têm um filho (14% dos entrevistados), mas há até 27% das entrevistadas jovens entre 21 e 24 anos com dois ou mais filhos.

É preciso, no entanto, identificar em que idade os jovens tiveram seus primeiros filhos, na tentativa de discutir o fenômeno da gravidez na adolescência, tema freqüente na abordagem dos problemas sociais enfrentados pelos jovens, bem como na proposição e na construção de justificativas para políticas públicas dirigidas a este grupamento social.

Com que idade você teve seu primeiro filho natural?

Entre os jovens que têm filhos, 40% deles os tiveram até os 17 anos (ver Anexo, quadro 11), configurando-se como adolescentes segundo os parâmetros etários propostos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº 8069) e que orientam o marco legal dos direitos da criança e do adolescente no Brasil. Se levarmos em consideração os parâmetros etários utilizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que orientam os gestores de políticas públicas de saúde no Brasil e que, usualmente, dirigem a discussão sobre gravidez na adolescência, teremos a delimitação etária da adolescência na faixa dos 10 aos 19 anos. Segundo esses critérios, entre os entrevistados nesta pesquisa, 70% dos jovens com filhos tiveram-nos na adolescência.

A maior parte dos jovens que têm filhos, no entanto, os têm entre os 17 e os 19 anos (47% dos jovens com filhos), sendo que 23% os têm antes dos 17 anos (11% antes dos 15 anos e 12% aos 16 anos) e 29% depois dos 19

anos. A idade média em que os jovens entrevistados experimentaram sua primeira gravidez foi aos 18 anos e 2 meses (ver Anexo, quadro 11).

Observamos relação entre a escolaridade e a idade em que os jovens têm seus primeiros filhos, de forma que, à medida que cresce a escolaridade, sobe a idade média em que os jovens tiveram seus primeiros filhos (idade média de 17,5 anos para os jovens com até a 4ª série do ensino fundamental; 17,9 anos para os jovens com escolaridade da 5ª à 8ª séries do ensino fundamental; 18,8 anos para os jovens com até o ensino médio e 19,1 para os jovens com ensino superior). Importante ressaltar, no entanto, que em todos os níveis de escolaridade foram encontrados jovens tendo filhos desde antes dos 15 anos até as demais idades estudadas; o que muda são as proporções em cada uma das idades. Encontramos, mais freqüentemente entre os jovens com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental, jovens que tiveram seus primeiros filhos com até 15 anos de idade. Bem como encontramos, mais freqüentemente entre os que chegaram ao ensino superior, jovens que tiveram seus primeiros filhos com 19 anos ou mais.

A variação da idade média em que os jovens têm seus primeiros filhos é menor em relação à distribuição dos jovens segundo sua renda familiar mensal. No entanto, a distribuição dos jovens pela idade em que tiveram seus primeiros filhos concentrou-se mais nas faixas etárias posteriores quanto maior sua renda familiar, e esteve mais homogênea distribuída quando se tratava dos jovens com menor renda familiar mensal.

Mais comumente, jovens que têm até a 4ª série do ensino fundamental e renda familiar mensal de até dois salários mínimos têm filhos (49% dos jovens que têm até a 4ª série do ensino fundamental e 30% dos que têm renda familiar mensal de até dois salários mínimos têm filhos, enquanto são 9% dos que têm ensino superior e 7% dos que têm renda familiar de mais de dez salários mínimos).

Quem cuida do/a seus(sus) filho/a(s) no dia-a-dia?

São as jovens mães que mais usualmente se tornam responsáveis pelo cuidado dos filhos no dia-a-dia. Entre as jovens mães entrevistadas, 72% referem cuidar sozinhas de seus filhos e 27% delas referem ter ajuda nos cuidados diários, sendo suas mães e sogras os apoios mais comuns (16% do total de jovens mães contam com a ajuda de suas mães e sogras) (ver Anexo, quadro 12).

Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão

Entre os jovens pais entrevistados, a referência ao cuidado diário dos filhos por parte das mães sem ajuda ocorre em 67% dos casos. É curioso, no entanto, que a percepção de cuidado diário dos filhos por parte dos jovens pais só é referida pelos próprios pais: 26% deles referem cuidar diariamente de seus filhos, dos quais 3% com a ajuda da mãe da criança, 17% com a ajuda de suas mães ou sogras, 6% com a ajuda de outras pessoas e 2% referem cuidar sozinhos dos filhos. Nenhuma das entrevistadas referiu cuidados diários de seus filhos por parte dos pais das crianças e somente 2% dos entrevistados referiram compartilhar os cuidados diários dos filhos entre eles e os pais ou mães das crianças (ver Anexo, quadro 12).

A maior variação no padrão de cuidados diários com os filhos ocorre entre os jovens que atingem o ensino superior. Entre as jovens, há referência de 53% delas ao cuidado diário de seus filhos de forma compartilhada (sendo distribuídos da seguinte forma: 6% contam com o apoio dos pais das crianças, 30% com a ajuda de suas mães e sogras e 17% com a ajuda de outras pessoas) e somente 19% referem cuidar dos filhos sozinhas. Entre os rapazes, o envolvimento no cuidado cotidiano dos filhos, apesar de também raro, é um pouco mais frequente, sendo que 11% dos jovens pais universitários compartilham o cuidado de seus filhos com as mães das crianças (4%), com suas mães ou sogras (4%) ou com outras pessoas (4%).

É interessante perceber que, pelo menos na perspectiva dos jovens, não ocorre a delegação do cuidado dos filhos a seus pais, situação pela qual mães e pais adolescentes são usualmente criticados por profissionais de saúde e pesquisadores.

Você planejou ter esse filho, ou a gravidez foi sem querer?

Tendo em vista as formas pelas quais a gravidez de adolescentes tem sido abordada socialmente, pela mídia, pela academia ou pela proposição de políticas públicas, sempre adjetivada como um evento indesejado, não-planejado, precoce, entre outros adjetivos, esta pesquisa buscou inquirir os jovens pais em relação ao planejamento do primeiro filho. Entre os jovens pais, que são, como vimos, 22% do total dos jovens entrevistados (sendo 13% dos rapazes e 31% das moças), identificamos que 40% deles referiram ter planejado a gravidez de seu primeiro filho, enquanto os outros 60% referiram ter

vivenciado uma gravidez não-planejada, contrariando a abordagem mais usual do tema da gravidez na adolescência (ver Anexo, quadro 12).

Há mais referências ao planejamento da gestação entre as moças (41%), entre os jovens na faixa etária de 21 a 24 anos (44%), entre os jovens com menor escolaridade (47% entre os jovens com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental) e entre os jovens nos limites extremos da renda familiar (44% dos jovens com renda familiar mensal de até um salário mínimo e 45% entre os jovens com renda familiar de mais de dez salários mínimos mensais). Tendo em vista que, do total dos jovens entrevistados nesta pesquisa, 10% deles referiram ter planejado seus primeiros filhos, parece importante considerar os sentidos de uma gravidez e da maternidade na experiência destes jovens, tendo em vista seus percursos de vida e os horizontes possíveis para a realização de seus projetos de vida, buscando compreender em que contextos a gravidez e a maternidade podem constituir-se em projetos de vida legítimos para os jovens.

É relevante considerar que a maioria das mulheres brasileiras tem filhos entre os 20 e os 24 anos, o que nos leva a pensar que a antecipação dos 20 para os 18 anos não é um enorme desvio. O “desvio” da gravidez de adolescentes pode ser mais bem compreendido se considerarmos que para as camadas médias – grupo social a partir do qual, geralmente, provêm os chamados “formadores de opinião”, como jornalistas, pesquisadores e especialistas – ter filhos aos 20 anos significa uma mudança radical no percurso esperado de desenvolvimento da vida juvenil e da transição para a vida adulta. Isso porque nestas camadas sociais espera-se dos jovens um percurso linear e etapista que inclui, inicialmente, a conclusão da sua escolarização com, no mínimo, o ensino superior, seguida da entrada no mercado de trabalho e, somente depois de concluídas as “etapas” anteriores, o estabelecimento de vínculos conjugais e a constituição de uma família.

Vale notar que não existem estudos comparáveis de planejamento do primeiro filho entre homens e mulheres adultos, dado que esta é uma abordagem específica da gravidez entre adolescentes (CALAZANS, 2000). Sabe-se, no entanto, que não é uma prerrogativa juvenil o não-planejamento de uma gravidez.

Referências bibliográficas

AFONSO, Lúcia (2001). *A polêmica sobre adolescência e sexualidade*. Belo Horizonte, Edições do Campo Social.

Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão

- AQUINO, Estela M. L.; HEILBORN, Maria Luíza; KNAUTH, Daniela; BOZON, Michel; ALMEIDA, Maria da Conceição; ARAÚJO, Jenny; MENEZES, Greice (2003). Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19 (Sup. 2):S377-S388.
- ARILHA, Margareth e CALAZANS, Gabriela (1998). Sexualidade na adolescência: o que há de novo? *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, CNPD, v. 2, p. 687-708.
- ARILHA-SILVA, Margareth (1999). *Masculinidades e gênero: discursos sobre a responsabilidade na reprodução*. Dissertação de mestrado em psicologia social. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica.
- BARKER, Gary e LOEWENSTEIN, I. (1996). *Where the Boys Are: Promoting Greater Male Involvement in Sexuality Education. Conclusions from the Qualitative Research in Rio de Janeiro, Brasil*. Rio de Janeiro, CEDUS.
- BUITONI, Dulcília (1991). Consciência e inconsciência na mídia. *Sexualidade na Adolescência: Educação e Mídia*. São Paulo, ECOS, Série Cadernos, 1, p. 98-104.
- CALAZANS, Gabriela (1999). Cultura adolescente e saúde: perspectivas para a investigação. In: OLIVEIRA, Maria Coleta (org.). *Cultura, adolescência, saúde: Argentina, Brasil, México*. Campinas, Consórcio de Programas em Saúde Reprodutiva e Sexualidade na América Latina (CEDES/COLMEX/NEPO-Unicamp).
- (2000). *O discurso acadêmico sobre gravidez na adolescência: uma produção ideológica?* Dissertação de mestrado em psicologia social. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica.
- COELHO, Luciana (2004). *Mulheres são 60% dos jovens com AIDS*. *Folha de S.Paulo*, 14 jul., p. A9.
- COSTA, Jurandir Freire (1997). *Utopia sexual. Utopia amorosa*. Mimeo.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno (1994). Capricho das disciplinas. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 19(2), p. 47-66.
- FONSECA, Jorge Luiz C. Lyra da (1997). *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de mestrado em psicologia social. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica.
- FONSECA, Jorge Luiz C. Lyra da (1998). Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra e DANTAS, Benedito (orgs.). *Homens e masculinidade: outras palavras*. São Paulo, ECOS/Editora 34, p. 185-214.
- LOPES, Jussara (1991). A imprensa dirigida ao público adolescente: funcionamento, abrangência e limites. *Sexualidade na adolescência: educação e mídia*. São Paulo, ECOS, Série Cadernos, 1, p. 78-83.

- MADEIRA, Felícia Reicher (1997). *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Record/Rosa dos Tempos.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE e CEBRAP (2000). *Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS*. Brasília, Ministério da Saúde.
- PAIVA, Vera S. F. (1994). Sexualidade e gênero num trabalho com adolescentes para prevenção do HIV/AIDS. In: *A AIDS no Brasil: história social da AIDS*. Rio de Janeiro, ABIA/IMS-UERJ/Relume Dumará.
- PAIVA, Vera S. F. (1996). Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ, p. 213-34.
- PAIVA, Vera; VENTURI, Gustavo; FRANÇA-JUNIOR, Ivan e LOPES, Fernanda (2003). *Uso de preservativos – Pesquisa Nacional Ministério da Saúde/IBOPE*. Mimeo.
- PROJETO JUVENTUDE (2004). Documento de conclusão do Projeto Juventude (versão inicial para discussão, complementação e ajustes). São Paulo, Instituto Cidadania.
- SANTOS, Laymert Garcia dos (1991). A mídia e as transformações na subjetividade. In: *Sexualidade na adolescência: educação e mídia*. São Paulo, ECOS, Série Cadernos, 1, p. 159-63.
- SIMONETTI, Cecília (1991). A linguagem viva das cartas adolescentes. In: *Sexualidade na adolescência: educação e mídia*. São Paulo, ECOS, Série Cadernos, 1, p. 151-58.
- VILLELA, Wilza e BARBOSA, Regina Maria (1996). Repensando as relações entre gênero e sexualidade... In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ, p. 187-99.